

# DESVENDANDO O MUNDO: O ENSINO DE GEOGRAFIA COMO EXPLORAÇÃO DAS PRÁTICAS ESPACIAIS DE SIGNIFICAÇÃO

## UNVEILING THE WORLD: GEOGRAPHY TEACHING AS EXPLORATION OF SPATIAL PRACTICES OF SIGNIFICATION

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos<sup>1</sup>

Recebido em 03/08/2024

Aprovado em 12/11/2024

### RESUMO

Este artigo examina o ensino de Geografia como uma prática essencial para a compreensão das práticas espaciais de significação. A Geografia Humana oferece uma perspectiva única para analisar as interações complexas entre sociedade e espaço. Exploramos como o ensino dessa disciplina pode capacitar os alunos a desvendar o mundo ao seu redor, incentivando a reflexão crítica sobre a forma como os lugares são percebidos, construídos e significados. Abordamos estratégias de ensino que promovem o desenvolvimento de habilidades geográficas e a compreensão das dinâmicas espaciais, contribuindo para uma cidadania informada e engajada. Este artigo destaca a importância do ensino de Geografia na formação de indivíduos capazes de decifrar e transformar o ambiente em que vivem.

**Palavras-Chave:** Geografia, Ensino, Práticas Espaciais, Significação, Educação.

### ABSTRACT

This article examines Geography teaching as an essential practice for understanding spatial practices of signification. Human Geography offers a unique perspective to analyze the complex interactions between society and space. We explore how teaching this discipline can empower students to unveil the world around them, encouraging critical reflection on how places are perceived, constructed, and signified. We address teaching strategies that promote the development of geographic skills and understanding of spatial dynamics, contributing to an informed and engaged citizenship. This article highlights the importance of Geography education in shaping individuals capable of deciphering and transforming their environment.

**Keywords:** Geography, Teaching, Spatial Practices, Signification, Education.

### INTRODUÇÃO

*O mundo é formado não apenas pelo que já existe, mas pelo que pode efetivamente existir. Milton Santos*

A Geografia Humana é uma disciplina que se debruça sobre as complexas interações entre sociedade e espaço. Ela nos permite compreender como os lugares

<sup>1</sup> Mestre e Doutor em Educação. Psicanalista, Pesquisador licenciado em Pedagogia, Bacharel em Administração. Especialista em tecnologias educacionais pela USP. Atualmente é Membro da Cátedra Otavio Frias Filho de Estudos em Comunicação, Democracia e Diversidade USP/IEA. Sócio(a) da SBPC Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Membro da Rede Nacional da Ciência para a Educação- CPe. E-mail: [douglas.pestana@unifesp.br](mailto:douglas.pestana@unifesp.br)

são percebidos, moldados e carregados de significado pelas pessoas e comunidades. No contexto educacional, o ensino de Geografia desempenha um papel crucial na formação de cidadãos informados e engajados, capazes de desvendar o mundo que os cerca.

Neste artigo, exploraremos o ensino de Geografia como uma prática que possibilita a exploração das práticas espaciais de significação. Investigaremos como os educadores podem utilizar estratégias pedagógicas para capacitar os alunos a compreenderem e transformarem o ambiente em que vivem. Ao promover a reflexão crítica sobre o espaço e suas relações com a sociedade, a Geografia contribui para o desenvolvimento de habilidades geográficas essenciais e para a formação de cidadãos conscientes.

Joga-se luz neste artigo, sobre o contexto atual em que nos encontramos como professores da Educação Básica, pesquisadores da área de Ensino de Geografia e membros da comunidade geográfica. Estamos diante de um questionamento fundamental: por que defendemos a presença da Geografia como componente curricular na escola?

Essa indagação surgiu em resposta à Medida Provisória 746/2016, posteriormente transformada na Lei 13.415/2017, que trouxe mudanças significativas para o Ensino Médio no Brasil. Esta lei instituiu a implementação de escolas de Ensino Médio em tempo integral, simplificou o requisito de formação dos professores para um "notório saber", flexibilizou o currículo escolar e estabeleceu apenas cinco componentes curriculares como obrigatórios: Arte, Educação Física, Língua Portuguesa, Matemática e Língua Inglesa. As demais disciplinas, incluindo Geografia, ficaram sujeitas aos "itinerários formativos" e à homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio.

A segunda versão da BNCC para o Ensino Médio, divulgada em 2018, confirmou a suspeita de que apenas Língua Portuguesa e Matemática permaneceriam como disciplinas obrigatórias nos três anos do Ensino Médio. As demais disciplinas, incluindo Geografia, foram inseridas nas quatro áreas de conhecimento (Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas).

A crítica central a essas medidas normativas está no processo de redefinição do sentido do conhecimento escolar e da própria instituição escolar. Isso ocorre independentemente das conquistas educacionais, pedagógicas e disciplinares que foram mobilizadas nas últimas décadas por movimentos sociais, sindicatos de professores, universidades e associações de pesquisadores. Muitas cartas, manifestos e moções foram escritos e divulgados para criticar o retrocesso e as perdas impostas a sistema educacional brasileiro, e este texto é signatário dessas preocupações.

No que se refere à Geografia escolar, as BNCC do Ensino Fundamental e Médio, juntamente com o "novo Ensino Médio", trouxeram à tona uma pergunta que parecia ter sido superada, especialmente nas décadas de 80 e 90 do século XX, quando os fundamentos da Geografia Crítica também desafiaram o Ensino de Geografia. A questão é: qual é o papel e a importância da Geografia Escolar?

Nos últimos dois anos, inúmeros eventos acadêmicos e fóruns virtuais debateram essa questão. Grupos argumentam fortemente a favor da manutenção da Geografia como componente curricular no Ensino Médio, afirmando que a retirada da Geografia representa um retrocesso. Eles destacam que negar aos estudantes o acesso a esse conhecimento é negar-lhes a oportunidade de uma leitura reflexiva e cidadã do mundo contemporâneo.

Neste sentido, o contexto de mudanças nas políticas educacionais brasileiras e a redefinição do papel da Geografia na escola levaram a uma reflexão profunda sobre o valor dessa disciplina no currículo escolar e sua importância para a formação cidadã dos estudantes. Este debate é fundamental para garantir que a Geografia continue desempenhando um papel relevante na educação brasileira. O contexto das atuais políticas educacionais e curriculares pode, à primeira vista, parecer anacrônico. No entanto, é importante ressaltar que esse contexto tem gerado um movimento extremamente enriquecedor para a comunidade disciplinar da Geografia. Este movimento coloca em debate não apenas o papel da Geografia, mas também o sentido do conhecimento e da disciplina geográfica no contexto escolar.

Neste texto, é justo intensificar a defesa da Geografia Escolar e destacar os desafios que ela enfrenta em um ambiente permeado por críticas e ataques direcionados ao conhecimento geográfico e à sua aplicação por parte de professores e alunos. Nos últimos anos, as pesquisas na área de Ensino de Geografia têm avançado significativamente, o que tem permitido construir novos significados para a disciplina escolar de Geografia.

É fundamental ressaltar que essa evolução não implica na completa substituição da defesa de um conhecimento escolar que capacite os estudantes a compreenderem o mundo contemporâneo de forma reflexiva e cidadã. Pelo contrário, enfatizamos que esse objetivo maior só pode ser alcançado quando valorizamos, nas práticas pedagógicas e curriculares, os conhecimentos e as metodologias geográficas. É através do domínio desses conhecimentos que os alunos podem desenvolver, em seu cotidiano, práticas espaciais de significação reflexiva e cidadã do mundo.

Portanto, é urgente continuarmos a defender o ensino de uma Geografia Escolar crítica. É dentro dessa perspectiva que encontramos os discursos em sua defesa. Reconhecemos que a Geografia Escolar não deve ser estática, mas sim uma disciplina em constante evolução, capaz de se adaptar aos desafios contemporâneos

e de proporcionar aos estudantes as ferramentas intelectuais necessárias para uma compreensão profunda e crítica do mundo que os cerca.

## O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS PRÁTICAS ESPACIAIS DE SIGNIFICAÇÃO

O ensino de Geografia vai muito além da memorização de nomes de países e capitais. Ele busca instigar nos alunos a capacidade de analisar, questionar e interpretar o espaço geográfico. Isso implica compreender como as práticas humanas moldam e são moldadas pelo ambiente em que ocorrem. Para isso, os educadores podem adotar abordagens interativas que conectem os conceitos geográficos com a realidade vivida pelos alunos. Isso pode incluir projetos de pesquisa que investigam questões locais, regionais ou globais, estudos de caso que exploram problemas ambientais ou sociais e análises de mapas e imagens de satélite que revelam padrões espaciais.

A interdisciplinaridade é outra característica fundamental do ensino de Geografia. Os temas geográficos estão intrinsecamente ligados a várias outras disciplinas, como História, Economia, Sociologia e Ecologia. Integrar esses conhecimentos enriquece a compreensão dos processos espaciais.

*Saídas de campo:* Levar os alunos para fora da sala de aula e colocá-los em contato direto com o ambiente é uma estratégia eficaz. Visitas a locais geograficamente significativos, como parques naturais, bairros urbanos ou áreas industriais, permitem que os estudantes observem as dinâmicas espaciais em ação.

*Tecnologia e SIG:* O uso de Sistemas de Informações Geográficas (SIG) e ferramentas de mapeamento digital pode aproximar os alunos das tecnologias modernas de análise espacial. Eles podem criar mapas interativos que destacam padrões e tendências em seu próprio ambiente.

*Discussão crítica:* Incentivar debates sobre questões geográficas atuais, como mudanças climáticas, migração e urbanização, permite que os alunos explorem diferentes perspectivas e desenvolvam pensamento crítico.

O **papel social** da Educação e, dentro dessa, o da **construção do** ensino de Geografia é trazer à tona as condições necessárias para a evidenciação das contradições da sociedade a partir do espaço, para que no seu entendimento e esclarecimento possa surgir um inconformismo com o presente e, a partir daí, uma outra possibilidade para a condição da existência humana. (STRAFORINI, 2004, p.56, grifo autoral)

A defesa da presença da Geografia na escola como disciplina capaz de proporcionar "leituras reflexivas e críticas do mundo" e formar "cidadãos críticos-transformadores" deriva do próprio movimento de consolidação da Geografia como conhecimento científico. A Geografia se apresenta como a "ciência do presente" e tem

o potencial de trazer a realidade do mundo contemporâneo para a sala de aula. No entanto, é válido questionar se as demais disciplinas escolares não podem fazer o mesmo. Por que a Química, a Física ou a Matemática não podem também se relacionar com a realidade atual?

A imposição de uma visão centrada no presente pode reduzir a Geografia Escolar a meras "atualidades" ou a um contexto para outras disciplinas, em vez de explorar seu potencial único para promover a compreensão do mundo. Não estamos argumentando que os conteúdos geográficos devam estar desconectados da realidade, mas enfatizamos que a Geografia Escolar deve fornecer um conjunto específico de ferramentas intelectuais para que os estudantes possam desenvolver uma leitura crítica e reflexiva do mundo.

As pesquisas no Ensino de Geografia nas últimas duas décadas têm convergido para a valorização de processos de pensamento e raciocínio geográfico únicos. A espacialidade dos eventos geográficos tem sido defendida como objeto de estudo, e o ensino de Geografia é visto como uma forma de ensinar os alunos a observarem e compreender a realidade sob uma perspectiva geográfica.

A Geografia Escolar desempenha um papel crucial na formação de cidadãos capazes de compreender e questionar a realidade. Isso envolve a análise crítica dos fenômenos espaciais em suas diversas escalas, desde o local até o global. A Geografia não pode ser ignorada no contexto da globalização, pois oferece uma perspectiva crítica única sobre o mundo contemporâneo.

Nesse sentido, a Geografia Escolar não apenas apresenta informações sobre o mundo, mas também desenvolve o pensamento geográfico, capacitando os alunos a analisarem e compreender as dinâmicas espaciais que moldam nossa sociedade. Através da Geografia, os estudantes podem se tornar cidadãos informados e críticos, capazes de contribuir para uma compreensão mais profunda e reflexiva do mundo em que vivemos.

## **GEOGRAFIA APENAS POR ÁREA DO CONHECIMENTO?**

O contexto da globalização, conforme descrito pelos autores Santos (2000) e Capel (2012), tem transformado significativamente nossas vidas em várias dimensões, incluindo a maneira como entendemos e interagimos com o espaço geográfico. Vivemos em um mundo onde as técnicas, os momentos, o conhecimento e a informação espacial tornaram-se onipresentes e essenciais. A globalização trouxe consigo a necessidade de compreendermos as complexas redes e fluxos que moldam nosso planeta. Além disso, as novas tecnologias e dispositivos informacionais banalizaram o acesso a informações espaciais, tornando-as parte integrante de nossa vida cotidiana.

Nesse contexto, a Geografia desempenha um papel fundamental na educação, pois oferece ferramentas poderosas para entender e interpretar o mundo globalizado. Ela não apenas nos ajuda a identificar onde as coisas estão, mas também nos permite compreender as relações espaciais entre os fenômenos, as regiões em que são agrupados e os processos de interação que ocorrem. Além disso, a Geografia nos capacita a correlacionar eventos e fenômenos em termos de ocorrência e distribuição espacial.

A importância da Geografia como disciplina curricular obrigatória nas escolas está relacionada à necessidade de desenvolver o pensamento geográfico nos alunos. Isso significa não apenas fornecer informações sobre o mundo, mas também ensinar os alunos a observarem, analisar e compreender criticamente os fenômenos geográficos. O conhecimento geográfico, tanto informalmente adquirido no cotidiano quanto formalmente ensinado na escola, desempenha um papel crucial na capacitação dos alunos para tomar decisões informadas e resolver problemas em suas vidas diárias.

Ao defender a Geografia como componente curricular essencial, reconhecemos que ela não apenas fornece informações estáticas sobre o espaço, mas também capacita os alunos a questionar o porquê de as coisas estarem onde estão e como estão relacionadas espacialmente. Essa perspectiva crítica é fundamental em um mundo globalizado, onde a compreensão das dinâmicas espaciais é essencial para navegar efetivamente na sociedade contemporânea.

Portanto, concorda-se em todas as formas positivas com a importância da Geografia no currículo escolar, pois ela oferece uma perspectiva única e poderosa para compreender o mundo em que vivemos, capacitando os alunos a serem cidadãos informados e críticos, capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e equitativa.

Cabem em todo o tempo, uma reflexão profunda sobre a importância do ensino de Geografia como componente curricular obrigatório nas escolas, com base nas contribuições de diversos autores. Essas contribuições destacam a necessidade de se compreender não apenas o espaço geográfico em termos topológicos, mas também em suas dimensões humanas, sociais, econômicas, políticas e culturais.

A distinção entre pensamento geográfico e pensamento espacial, como proposta por De Miguel (2016), enfatiza a importância de levar em conta a dimensão humana e social na análise do espaço. O pensamento geográfico envolve a consideração de processos territoriais, mudanças globais, desenvolvimento sustentável, interdependência e diversidade. Além disso, a Geografia aborda processos metodológicos específicos, como a leitura e produção de gráficos, tabelas, mapas temáticos e trabalhos de campo.

A ideia de uma "simbiose entre pensamento espacial e pensamento geográfico", como defendida por De Miguel (2016), destaca a importância de integrar esses dois enfoques para promover uma compreensão mais abrangente do espaço. Isso é fundamental para que os alunos possam adquirir o conhecimento geográfico necessário para interpretar o mundo globalizado em que vivemos.

Os autores Roque Ascensão e Valadão (2011, 2014, 2016, 2017a, 2017b) enfatizam neste íterim, a necessidade de distinguir o pensamento espacial do pensamento geográfico e destacam a importância de compreender a espacialidade dos fenômenos. Eles defendem que o conhecimento geográfico é essencial para os alunos entenderem como as interações entre os componentes espaciais moldam a realidade cotidiana.

A compreensão da espacialidade dos fenômenos, como proposta por esses autores, baseia-se em conceitos geográficos fundamentais, como espaço, tempo e escala. Esses conceitos, juntamente com o tripé metodológico da Geografia (onde, como e por que), permitem que os alunos analisem de forma crítica o espaço geográfico e suas dinâmicas.

No entanto, o desafio de ensinar Geografia reside na complexidade da totalidade-mundo, que não pode ser abordada em sua totalidade devido à limitação de tempo e à necessidade de selecionar conteúdos relevantes para os alunos. Isso requer uma cuidadosa seleção de tópicos que permitam aos alunos compreenderem a espacialidade dos fenômenos de forma significativa.

Cabe um endosso no tocante a Geografia que não é apenas um campo de conhecimento, mas também uma prática espacial. O ensino de Geografia é, em si, uma prática espacial que envolve a transmissão e a construção de conhecimento geográfico. Portanto, a Geografia desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e reflexivos capazes de compreender e transformar o mundo em que vivemos.

Essa reflexão aqui descrita, reforça a importância da Geografia como disciplina curricular, pois ela oferece as ferramentas necessárias para que os alunos possam compreender as complexas relações entre sociedade e espaço, contribuindo para uma formação cidadã mais completa e informada.

## O LUGAR E A SIGNIFICAÇÃO NO CAMPO EDUCATIVO

No discurso acadêmico contemporâneo sobre geografia e espaço, a concepção de "lugar" transcende a mera localização física, tornando-se um conceito repleto de nuances sociais, históricas e culturais. Douglas Santos (2007) articula esta visão, indicando que o entendimento comum do termo como simples referência geográfica é limitado. A necessidade humana de localização, expressa em termos como

"desorientados" e "desnorteados", simboliza a busca por familiaridade, identidade e reconhecimento dentro das configurações geográficas e relações sociais. Esta busca pela compreensão dos lugares se manifesta historicamente na identificação de áreas propícias para caça, colheita e proteção, ilustrando a relação intrínseca entre o ser humano e seu ambiente geográfico.

As experiências socioespaciais moldam a memória coletiva e conferem significado aos lugares. Historicamente, a necessidade de marcar lugares e criar mapas evidencia a profunda relação entre a geografia como prática social e a necessidade humana de compreensão espacial. Este entendimento se inicia muito antes da educação formal, sendo profundamente influenciado pelas relações sociais nas quais os indivíduos estão inseridos.

Além disso, a percepção de lugar está intrinsecamente ligada às noções de identidade, embora em diferentes graus. Por exemplo, o lar representa um lugar de significado singular e de pertencimento, enquanto a Terra, como um todo, simboliza um sentido de pertencimento em uma escala mais ampla e abrangente. O lugar, portanto, é muito mais que um conjunto de coordenadas geográficas ou uma localização física; ele representa a intersecção entre espaço e relações sociais.

Na ciência geográfica moderna, a análise do lugar evoluiu além das perspectivas tradicionais de local, região e espacialidade, especialmente representadas na teoria de Vidal de La Blache. Com a complexidade e as especificidades do mundo contemporâneo, influenciadas pela globalização econômica, os lugares são agora entendidos como entidades que coexistem dialeticamente com as realidades globais.

Dessa forma, as principais linhas de análise do conceito de lugar na Geografia são encontradas tanto na perspectiva humanista quanto na Geografia crítica. Ambas, apesar de seus pontos antagônicos, contribuem significativamente para a prática educativa, fornecendo um entendimento mais aprofundado e multifacetado do significado de "lugar" em um contexto geográfico e social.

## À GUIA DE UMA CONCLUSÃO: A GEOGRAFIA COMO UM EXERCÍCIO PLENO DE SIGNIFICAÇÃO

[...] é a linguagem que institui a diferença e é assim, cúmplice das relações de poder: aquilo que se sabe é movido por uma vontade de poder, assim como o poder exige que se saiba sobre aqueles que serão, por ele, governados. Esse é o núcleo central do pensamento pós-estrutural, em que saber e poder estão atavicamente interligados na instituição de "um mundo real" (Lopes; Macedo, 2011, p.203).

O ensino de Geografia desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos conscientes e ativos. Ao explorar as práticas espaciais de significação, os

educadores capacitam os alunos a compreenderem e transformarem o mundo ao seu redor. A Geografia oferece ferramentas poderosas para decifrar as complexas interações entre sociedade e espaço, promovendo a consciência. A reflexão apresentada neste texto revela a profunda interconexão entre a geografia, as práticas espaciais, o ensino de Geografia Escolar e a ideologia. Ela nos leva a considerar que o espaço não é um mero cenário, mas um componente essencial da vida social e das relações humanas. Várias ideias críticas e conceitos fundamentais emergem dessa análise.

É importante dizer que as práticas, habilidades e conhecimentos têm componentes geográficos destaca a relevância intrínseca da geografia em nossa existência cotidiana. Isso sugere que o espaço é um elemento inseparável das atividades humanas, independentemente de reconhecê-lo como tal. A ideia de que a escola se tornou o local preeminente para a coletivização e transmissão dessas práticas e conhecimentos geográficos ressalta o papel fundamental da educação na formação de cidadãos geograficamente conscientes. A sala de aula é, portanto, um espaço-chave para a construção de uma compreensão compartilhada do mundo.

A caracterização do ensino-aprendizagem da Geografia Escolar como uma prática espacial é um insight notável. Isso nos leva a considerar que a educação não é apenas um processo de transferência de informações, mas uma construção ativa da espacialidade e das ideologias que a permeiam.

É necessário observar a existência de uma discussão sobre práticas espaciais, divididas entre heterônomas e insurgentes, e isso oferece uma lente crítica para compreender como o espaço é moldado por interesses econômicos e sociais. Isso nos alerta para a necessidade de considerar quem detém o poder na organização do espaço e como isso afeta a sociedade.

A incorporação da dimensão discursiva nas práticas espaciais enfatiza que as narrativas e representações desempenham um papel central na construção do espaço. Os discursos não são meras descrições neutras, mas carregam valores e influenciam a percepção e a ação no espaço.

Faz-se aqui, uma crítica na ênfase na contingência e na multiplicidade de verdades na Teoria do Discurso ressalta que o espaço é um campo complexo de significados e lutas. Não existe uma única verdade ou uma única maneira de organizar o espaço; em vez disso, o espaço é um local de constante negociação e construção.

Pensar a Geografia como processos múltiplos de significação nos convida a repensar o papel da geografia enquanto possibilidade de ensino, da educação e das narrativas geográficas em nossa sociedade. Ela nos leva a questionar como as práticas espaciais e as ideologias espaciais são transmitidas, contestadas e transformadas, e como podemos promover uma compreensão mais crítica e engajada do espaço em nosso ensino e em nossa vida cotidiana. Ensinar Geografia é uma prática espacial

levanta questões essenciais sobre o papel da Geografia Escolar na compreensão da espacialidade do fenômeno. Para abordar essa questão de forma crítica e acadêmica, é necessário considerar várias dimensões.

Em primeiro lugar, é importante reconhecer que a Geografia Escolar desempenha um papel fundamental na formação das percepções espaciais dos indivíduos. Através do currículo, dos materiais didáticos e das práticas pedagógicas, os estudantes são expostos a representações e narrativas do espaço. Essas representações não são neutras; elas carregam ideologias, valores e perspectivas sobre como o espaço deve ser compreendido e organizado. Portanto, a Geografia Escolar não apenas transmite conhecimento geográfico, mas também molda a forma como os estudantes veem e interagem com o mundo ao seu redor. Isso é importante!

Defendo aqui, a tese de que os discursos não são apenas formas de comunicação, mas práticas que constroem significados e identidades. Portanto, a Geografia Escolar não deve ser vista como uma disciplina isolada que busca a emancipação exclusivamente dentro de seus próprios limites, mas como uma prática espacial inserida em um campo mais amplo de disputas discursivas.

Essa perspectiva sugere que o papel da Geografia Escolar não é simplesmente fornecer respostas definitivas sobre o espaço, mas sim capacitar os estudantes a questionarem, desafiar e reinterpretar as narrativas geográficas que encontram. Deve-se reconhecer que a hegemonia, ou seja, a dominação de certas ideologias ou perspectivas, é sempre provisória e precária. Portanto, a Geografia Escolar pode ser uma arena para a contestação dessas hegemonias, incentivando práticas espaciais insurgentes.

Práticas espaciais insurgentes podem envolver a ressignificação de lugares, a crítica às representações dominantes do espaço, a promoção da justiça espacial e a conscientização sobre questões socioespaciais. Isso implica que a Geografia Escolar não deve ser vista como um veículo de doutrinação, mas como um espaço de diálogo e reflexão crítica sobre as complexidades da espacialidade.

No entanto, é fundamental reconhecer que essa abordagem desafia os educadores a repensar suas práticas pedagógicas. A Geografia Escolar precisa incorporar métodos que incentivem a análise crítica, o pensamento espacial e a consciência das implicações sociais e políticas das representações geográficas. Além disso, os currículos e materiais didáticos devem ser examinados criticamente para garantir que não perpetuem visões de mundo unilaterais ou estereótipos prejudiciais.

O verdadeiro papel da Geografia Escolar compreende que a Geografia Escolar deve ser concebida como uma prática espacial de atuação em um campo de disputas de sentidos discursivos, com a crença de que as práticas espaciais insurgentes podem oferecer alternativas para uma existência humana mais justa e consciente do espaço em que vivemos.

Quais significantes os nossos alunos estão tendo ao entrarem em contato com os estudos da geografia no espaço educativo?

## REFERÊNCIA

- CAPEL, H. Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea. Nueva edición ampliada. Barcelona: Barcanova, 2012.
- DE MIGUEL, R. G. Pensamiento Espacial y Conocimiento Geográfico em los Nuevos Estilos de Aprendizaje. In: Nativos Digitales Y Geografía en el siglo XXI: Educacion Geográfica y sistemas de aprendizaje. XI Congreso Nacional de Didáctica de la Geografía, Asociación de Geógrafos Españoles, Universidad Pablo de Olavide y Universidad de Alicante, 2016. p.11-39.
- LOPES, A. C.; MACEDO, E. Teorias de currículo. São Paulo: Cortez, 2011. p.279.
- ROQUE ASCENÇÃO, V. de O.; VALADÃO, R. C. As dimensões escalares e a abordagem de conteúdos geográficos. Anekumene, Bogotá, n.2, p.152-66, 2011.
- SANTOS, Milton - Por uma outra Globalização – do pensamento único à consciência universal. 15ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SANTOS, D. O que é Geografia. Apostilado, 2007. D
- SANTOS, M. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005.
- SANTOS, M. O espaço do cidadão. 7. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Edusp, 2012.
- SILVA, A. C. O espaço fora do lugar. São Paulo: Hucitec, 1978.
- STRAFORINI, R. A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. Terra Livre, São Paulo, ano 18, v.I, n.18, p.95-114, jan./jun. 2002.
- STRAFORINI. Ensinar Geografia: o desafio da totalidade mundo nos anos iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

